

“Não desiste negra, não desiste! Ainda que
tentem lhe calar...” –

A voz da mulher negra transcende o
movimento Poetry slam

*“Don’t give up, black woman, don’t give
up! Even if they try to silence you...” -
The voice of the black woman transcends
the Poetry slam movement*

Geane Valesca da Cunha Klein¹
Patrícia Pereira da Silva²

RESUMO

Tomamos como objeto o Poetry slam, pensado enquanto uma prática de reexistência, especialmente das mulheres negras. Nosso objetivo foi estudar o movimento Poetry slam, realizando uma análise do poema Não Desiste!, de Mel Duarte. Optamos por adotar uma perspectiva teórica do feminismo ocidental, feminismo negro, literatura afro-brasileira e literatura marginal, evidenciando esse lugar de fala social que transcende as rodas de batalha de poesia. Acionamos teóricas que partem do feminismo e da literatura, notadamente bell hooks, Dalcastagnè, Evaristo, Berth, AnaLu, Kilomba. A análise do poema evidenciou que o entrelaçamento estético entre literaturas, línguas, linguagens, mídias e outros elementos fazem da poesia de Mel Duarte uma escrevivência de reexistências.

Palavras-chave: *Poetry slam; Mel Duarte; Reexistência.*

ABSTRACT

We take Poetry Slam as an object, thought of as a practice of reexistence, especially for black women. Our objective was to study the Poetry Slam movement, performing an analysis of the poem Não Desiste!, by Mel Duarte. We chose to adopt a theoretical perspective of Western feminism, black feminism, Afro-Brazilian literature and marginal literature, showing this place of social speech that transcends the poetry battle wheels. We use theories that start from feminism and

1 Professora Adjunto I da Universidade Federal de Rondônia.

2 Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia

literature, notably bell hooks, Dalcastagnè, Evaristo, Berth, AnaLu, Kilomba. The analysis of the poem showed that the aesthetic intertwining between literature, languages, languages, media and other elements make Mel Duarte's poetry a scribe of re-existences.

Keywords: *Slam poetry; Mel Duarte; Re-existences.*

KLEIN, G.V.

DA SILVA, P. P.

*“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam*

Introdução

9

Este artigo configura-se enquanto um entrelaçamento de estudos realizados no interior do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, da Universidade Federal de Rondônia, relativo ao ciclo 2018-2019, com os ecos e reverberações produzidos pelo Trabalho de Conclusão de Curso defendido ao término de 2019. Destacamos nesse entrelaçamento o encontro das vozes de orientadora e orientanda: uma dissonância produtiva na empreitada pela contraposição dos estereótipos engendrados no imaginário social, promotores de exclusão e segregação.

A proposta temática adveio da constatação de que a manifestação contemporânea do Poetry Slam tem sido potencializada e ocupa cada vez mais espaços públicos em diversas capitais brasileiras, além de outras partes do mundo. Além dos espaços físicos (a rua), as batalhas ocupam espaços digitais (por meio da internet, em especial da rede social Facebook) e instituem espaços de reflexões tanto sobre os processos de criação artística, quanto sobre as temáticas de cunho social que são abordadas pelos slammers.

Tendo em vista compreender o fenômeno da difusão dessa modalidade de poesia que sai das ruas e encontra ressonância nas redes sociais, passamos a considerar os efeitos que a internet produz, bem como as potencialidades da escrita e da produção de sentidos nesses espaços digitais. Vale destacar que todo tipo de conhecimento permite empoderar e letrar os sujeitos, e isso não é diferente nos meios digitais – a cada dia que passa, novas possibilidades surgem na rede mundial de computadores e aqueles que não se encontram preparados para transitar nesses espaços digitais acabam ficando excluídos do mundo digital.

Outrossim, percebemos um número crescente de usuários na rede, os quais não configuram um bloco homogêneo e estável, haja vista encontrarmos na rede pessoas de diferentes idades, gêneros, classes sociais, contextos, países, religiões e muito mais. Desta feita, os poemas dos poetas marginais, os Slammers, nas batalhas compartilhadas no Facebook, ecoam a multiplicidade e a diversidade proporcionada pelos diferentes discursos inter cruzados por diversas visões de mundo e culturas. A pesquisa por nós realizada procurou explorar a temática das Batalhas de Poesia, as chamadas Poetry Slam, enquanto manifestação/experimentação literária contemporânea, considerando-as enquanto um espaço de resistência cultural.

Uma breve imersão na “poética da quebrada”

Na atualidade, o fenômeno da poesia falada (spoken word) utilizada nos Slams tem se espalhado pelo território brasileiro, configurando-se enquanto um fenômeno poético de resistência. A recitação, rēcita ou declamação (em inglês, spoken word) corresponde a uma forma de arte literária ou performance artística, cujas letras, poemas ou histórias são faladas ao invés de cantadas. Em uma breve incursão histórica, encontramos o ano de 1984 como marco fundador – momento em que o Poetry Slam surgiu em um evento poético realizado em Chicago (EUA) – o Up-town Poetry Slam (NEVES, 2017).

Sobre o sentido/significado da denominação Poetry Slam, vale dizer que inexistente uma tradução consagrada para o termo, porém algumas falas dos competidores revelam tentativas de assimilação do significado e transposição para a língua portuguesa – algumas expressões usadas para definir o Slam Poetry são: “da palavra estética, a periferia é poética”; “intervenção poética”; “batalha de poesia”; “batida de poesia”; “poesia de resistência”; “arte de guerrilha”; “poética política”; “poesia marginal”. De acordo com Neves, “a palavra slam é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa” (NEVES, 2017, p. 93).

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam

Acerca de suas possíveis origens, Neves (2017) rememora que a poesia popular esteve presente em diferentes contextos ao longo da história, dentre os quais vale lembrar dos aedos e rapsodos na antiga Grécia, dos repentistas e cordelistas do Nordeste brasileiro, e do movimento de rap e hip-hop – representado no Brasil por nomes como Racionais MCs, Emicida, Marcelo D2, Sabotage e Criolo. A respeito da emergência do Poetry Slam no Brasil, destacamos o ano de 2008, com Roberta Estrela D’Alva – a atriz, MC e slammer afirma existirem atualmente no Brasil mais de 200 comunidades de slams, sendo a maioria em São Paulo, dentre eles, o da Guilhermina, o Slam do 13, Slam Resistência, o Slam das Minas, este só para mulheres. Segundo Dalva,

[...] poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, o poetry slam se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (DALVA, 2011, p. 120).

Apesar de versar sobre vários temas, o Slam Poetry representa o cotidiano da periferia brasileira e as opressões que permeiam esse contexto, servindo de palco para os gritos de reconhecimento e a oportunidade de ser visto e ouvido. As características estruturais e composicionais das poesias faladas passam pela desobediência civil, vandalismo lírico, funcionando como cirurgias para erradicar vários males sociais e políticos.

Não existe uma estrutura ou composição fixa e embora a forma poética seja livre, o competidor deve atender às regras básicas do Slam – tema livre, poema autoral e duração máxima de três minutos. Além disso, como o corpo desempenha importante papel, o participante não pode usar acessórios, figurino ou acompanhamento musical. O júri é formado por cinco pessoas escolhidas na hora, as quais devem atribuir notas em uma escala de 0 a 10.

No que tange às abordagens temáticas, observamos que as poesias preservam o lugar de fala, principalmente periférico, de um corpo negro e da mulher, sendo predominantes as temáticas que envolvem o feminismo, racismo e machismo. Além disso, o cotidiano do poeta aparece representado nos poemas – pelo mesmo motivo, em anos de eleições, as abordagens retratam, sobretudo, temas políticos.

Como se pode inferir, enquanto um fenômeno que chegou para revolucionar as práticas orais, ouvindo a voz de poetas da periferia, os Slams buscam a politização do público ouvinte e a reflexão. Em sua forma linguística,

o predomínio é do registro informal da linguagem, a qual retrata, sem meias palavras, o contexto social da periferia. A poesia carrega as vivências de um grupo marginalizado, de modo que as gírias, os palavrões e as expressões da linguagem “desprivilegiadas” transitam nos Slams corriqueiramente carregadas de uma poética que só as batalhas podem transmitir. Os efeitos desse grau de informalidade atravessam a nossa noção de “quebrada” ou periferia e nos transportam para o lugar do slammer, promovendo a empatia na recepção. O lugar de fala de meninas e mulheres externando as opressões, os preconceitos e abusos vividos, fundam um dos lugares de resistência e permitem a coragem necessária para falar, resistir e reexistir.

Embora, em geral, as poesias sejam declamadas em português, nada impede que os competidores façam uso de outras línguas, como o inglês – o que, em si, já implica a evocação de certos sentidos. Em suma, os slammers traduzem as diferentes vozes, sejam elas “das margens”, na perspectiva da identidade, sejam “do Sul”, numa perspectiva da linguística dos excluídos, sejam elas “do corpo” (NEVES, 2017), as que infringem os códigos sociais – são esses os discursos que podem atuar como poética de reexistência.

Em desabafos poéticos, mulheres pretas e pobres falam para ferir o silêncio

Considerando que o território feminino tem ganhado cada vez mais força como um movimento artístico de resistência, reexistência e expressão da cultura urbana periférica, merece destaque esse movimento iniciado por mulheres negras, cujo alcance tem sido ampliado para todos os estados brasileiros. O Poetry Slam tem servido para que vozes e rimas femininas divulguem pautas de mulheres pretas e pobres, em desabafos poéticos contra o sistema patriarcal. Em outras palavras, tem sido um instrumento de empoderamento, que permite “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história” (BERTH, 2018, p. 16).

Nesse percurso, destacamos que o primeiro Poetry Slam realizado para um público específico – as mulheres – nasceu em Brasília, com a poeta e slammer Tati Nascimento, consequência de um debate sobre a importância de reunir mulheres em um espaço de batalhas de rima – o que gerou um Slam das Minas experimental. Depois de Brasília, São Paulo foi a segunda capital a incorporar esse formato. Tati Nascimento argumenta sobre a disposição de grupos estigmatizados em ambientes que incorporem essas falas dizendo que “até a gente conseguir recuperar nosso lugar na história vamos precisar de um espaço só para negros, outro só para mulheres, outro para gays”. Como diz Roberta Estrela D’Alva, o Poetry Slam é um espaço “onde a palavra é comungada entre todos, sem hierarquias. Um círculo poético

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam

onde as demandas “do agora” de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com suas vivências e experiências” (D’ALVA, 2014, p. 112).

Saindo das ruas e adentrando nas redes sociais, o movimento ganhou visibilidade e outros adeptos. A fan page do Slam das Minas São Paulo corresponde a uma das maiores páginas no Facebook no segmento em análise e nela são compartilhados vídeos de poetas e das declamações, divulgando grandes nomes do Slam de Mulheres. Mel Duarte é uma das slammers que ganhou projeção nacional pela rede com poemas que retratam sua vivência enquanto mulher negra, bem como pela sua luta contra o racismo e o machismo. Uma poeta ambulante, suburbana, periférica que contribui com a sua poesia para a democratização do acesso a uma produção poética, na maioria das vezes hegemônica. A perspectiva adotada pela slammer coaduna com a perspectiva assumida pela ativista e teórica, admiradora e reprodutora das teorias paulofreirianas numa perspectiva da mulher negra, bell hooks³. Segundo ela,

[...] a cultura negra de resistência que surgiu no contexto do apartheid e da segregação foi um dos poucos lugares que abriu espaço para o tipo de descolonização que torna possível o amor pela negritude. A integração racial, em um contexto social em que os sistemas de supremacia branca estão intactos, solapa os aspectos marginais de resistência ao divulgar a premissa de que a igualdade social pode ser obtida sem mudanças de atitudes culturais em relação à negritude e às pessoas. (HOOKS, 2019, p. 47)

13

Segundo a autora, se considerarmos as mulheres como reprodutoras de vozes triplamente silenciadas, marcadas pelo racismo estrutural, pela violência epistêmica e pelo sexismo, então veremos que resistir nesse contexto equivale a resistir através da fala, da cor, da cultura e do amor pela negritude. Sabemos que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vozes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2012, Kindle). Por meio do Poetry Slam muitas meninas e mulheres negras podem quebrar com o silêncio, de modo que o lugar de fala social que elas ocupam transfere-se para o lugar de fala literário. Deste modo,

3 Gloria Jean Watkins escolheu este nome em homenagem a sua avó Bell Blair Hook. Preferiu grafar as letras minúsculas para romper com as normas acadêmicas da escrita hegemônica de nomes de pessoas/personalidades. Para hooks (2019, p. 330), “usar o pseudônimo era um lembrete constante de que minhas ideias eram expressões de mim, mas não eram a imagem completa”. In: hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

[...] não há como negar o caráter inclusivo e libertário de um encontro de poetry slam. São zonas de diálogo, atrito e conflito são “batalhas de inteligência e argumentação, [...] propositadamente espetaculares, mostradas como oportunidades para a formação, educação, entretenimento, expressões intelectual e artística da comunidade. A dissidência, dissonância e a diferença não são punidas, mas estudadas, performatizadas e executadas e desafiadas de maneira discursivamente produtiva”. (DAMON, 1998 apud DALVA, 2011, p. 125).

Para hooks (2019, p. 62), importa “amarmos uns aos outros. Isso é curar o coração da justiça”. Esse amor passa pelo aspecto da negritude e é vivenciado por mulheres negras em comunidade, de maneira que o Slam das Minas configura-se como um espaço que acolhe e ama essas mulheres silenciadas – uma expressão do que entendemos por sororidade, mas sobretudo da dororidade vivenciada pelas mulheres negras – conforme conceito cunhado por Vilma Piedade que nos explica que trata-se de “[...] uma dor específica, que une todas as mulheres, mas que é agravada pelo racismo, que só a mulher preta, só a juventude preta vai sentir” (PIEADADE apud D’ERCOLE, 2018, online).

O Slam das Minas, criado para e feito por mulheres, propõe uma discussão política sobre a mulher, a que fala e a que ouve, e também o homem que ouve, fazendo com que essa relação dialógica seja mais dororida (ou empática), protagonizando o lugar de fala da mulher negra, mulher essa que ocupa uma categoria de subalternidade (SPIVAK, 2010).

Vale destacar que “a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação” (SPIVAK, 2010, p. 66). Não faz muito que, enquanto mulheres brancas estavam conquistando direito ao voto, mulheres negras estavam trabalhando nas cozinhas e sendo babás, de modo que o silêncio entre mulheres é seletivo. Contrariamente, o Slam das Minas pretende quebrar com essa hegemonia e ser um lugar onde todes falam – a não marcação de gênero, ou o gênero neutro indicado pela letra ‘e’ no lugar do ‘a’ tem a intenção aqui de abranger todos os grupos de mulheres: étnico-racial, orientação sexual, identidade de gênero, perfil corporal, etc. Afinal, como bem explicita a legendária expressão de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher” (1980, p. 8). Assim também magistralmente nos diz a autora que

[...] quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: “no estado atual da educação e dos costumes”. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o

*“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam*

Ademais, não se pode olvidar o quão difícil é se amar em um contexto no qual a carne mais barata do mercado é a carne negra – por isso amar a negritude é uma resistência política que transforma nossas formas de estar no mundo, cria condições para buscarmos o nosso lugar de fala na sociedade (HOOKS, 2019). Essa mesma problemática é evidenciada em Spivak, quando ela lança a pergunta: “pode o subalterno falar? Como inferimos, a questão da “mulher” parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p. 85). Essas três formas de silenciamento descolam a literatura de mulheres negras para outros contextos de análise que não são abrangidos pelo universal.

O lugar de fala da mulher negra periférica foi sempre subestimado seja na escrita, na fala, em um romance literário ou numa batalha de poesias: o sexismo, o machismo, a branquitude – correspondente à identidade racial branca – destinaram um lugar de subalternidade e marginalidade às mulheres negras. Deste modo, apropriar-se dessa condição estrutural e reescrever outros caminhos perpassa a busca pelo empoderamento. “O empoderamento consiste em quatro dimensões. São elas a dimensão cognitiva, psicológica, política e a econômica” (STROMQUIST apud BERTH, 2018, p. 35). São quatro dimensões que nos levam a entender que “a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 6).

Assim, o lugar de fala na literatura não define “quem deveria falar e de que perspectivas, mas como assegurar às mulheres nativas e de cor, acesso integral e idêntico às oportunidades de publicação” (PHILLIPS, 1995, p. 9 apud DALCASTAGNÊ, 2012, Kindle). Seguindo essa perspectiva e tomando a concepção de Conceição Evaristo, para quem escrever é “um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança” (EVARISTO, 2005, p. 2), asseveramos que falar é um ato de ferir o silêncio. Ao falar, a mulher negra encontra um lugar social de reexistência poética, de modo que sua fala reverbera uma voz milenar – ecos de resistência, força e persistência: os ancestrais foram silenciados ao chegar no Novo Mundo. Cabe, portanto, aos contemporâneos lutar pelo direito de falar e ser ouvido, ressoando com força o que esteve preso por tanto tempo.

A força da voz negra e os ecos da ancestralidade para quebrar paradigmas

A trajetória da mulher negra é marcada de rompimentos, quando alguma mulher se destaca profissionalmente ou em lugares pouco comuns de vê-las, ouvimos sempre o discurso de “é a primeira mulher negra”. A cada dia que passa fica mais clara a importância de as mulheres negras ocuparem todos os espaços existentes na sociedade, não restringindo-se à primeira, nem aceitando como suficiente. Na investidura por ganhar espaço, mulheres negras resistem, reexistem e escrevem com essa missão de tocar outras mulheres. Isso é bastante nítido na fala de Mel Duarte: “quando eu falo outras mulheres me escutam e também entendem a importância de suas falas, de contar suas trajetórias a partir de seus próprios pontos de vista” (DUARTE apud VIEIRA, 2018, online). Vemos que no interior dessa fala em particular, emerge a força de sua ancestralidade e o desejo de que as gerações vindouras não só galguem espaços, mas reconheçam também suas origens.

Conhecer e reconhecer a história das mulheres negras, do negro no Brasil, passa pela busca desse lugar de fala. Nessa empreitada, encontramos na poesia de Mel Duarte – uma escritora, poeta, slammer, produtora cultural nascida em 1988 na cidade de São Paulo – uma representação da mulher negra que vai muito além dos estereótipos. Vale destacar que Mel Duarte atua com literatura desde 2006 e integra o coletiva Slam das Minas – SP, batalha de poesias voltada ao gênero feminino e pessoas trans. Além disso, tornou-se a primeira poeta negra brasileira a lançar álbum de spoken word, intitulado MORMAÇO – entre outras formas de calor (2019). A presença marcante de Mel Duarte atrai os diferentes públicos, mas atinge principalmente aquele grupo que nas palavras dela se vê representado: o de mulheres negras que pretendem romper com os estereótipos aos quais estiveram confinadas ao longo da história. Essa identificação decorre da forma pela qual Mel Duarte se expressa poeticamente.

Em 2016, Mel foi destaque no sarau de abertura da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia) que acontece dentro da FLUP (Festa Literária das Periferias) no Rio de Janeiro. Em 2017, foi convidada a representar a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola. Por sete anos, também integrou o coletivo “Poetas Ambulantes”, que distribui e declama poesias pelo transporte público.

Mel Duarte já esteve em diversas capitais e cidades brasileiras, inclusive Porto Velho (RO), onde participou do Circuito de Oralidades do projeto Arte da Palavra. Vale observar que o projeto itinerante do SESC visa estimular a formação de novos leitores, bem como promover a divulgação do trabalho de diferentes autores e compõe-se de três circuitos: Autores, Oralidades e Criação Literária. Além da sua participação em batalhas de poesia, Mel Duarte

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
*“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam*

já integrou o casting de campanhas publicitárias; esteve no TED x Talks em 2016 e 2017 e no âmbito literário mais formal, por assim dizer, publicou os livros “Fragmentos Dispersos” (2013), “Negra Nua Crua” (2016, editora Ijuma), “Negra Desnuda Cruda” (2018, ediciones ambulantes, Madrid, ES) e “Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta” (2019, Editora Planeta).

Inspiração para quem sofre com os apagamentos

As contradições paulistanas têm desencadeado produções que permitem refletir sobre o modo de vida, as mazelas e a dureza/crueldade das grandes cidades. Nessa linha, em 2011, o músico Criolo impactou com o soul compenetrado “Não existe amor em São Paulo”. Por meio de um hibridismo de gêneros, o rapper denunciou: “Não existe amor em SP / Um labirinto místico / Onde os grafites gritam”. A melancolia da letra denunciava uma cidade que em muito perdeu sua essência e na qual as pessoas vivem sem viver e os grafites gritam expondo as várias faces da “cidade que não para”.

Essas contradições da vida paulistana também afetam Mel Duarte, que “[...] busca dar espaço para palavras que, de alguma forma, sirvam de inspiração para quem historicamente sofreu com os apagamentos provocados pela vigência da escravidão. Então, nada mais peculiar do que as contradições paulistanas de cada dia” (VIEIRA, 2018, online).

Mel Duarte chama à atenção sobre a importância de adolescentes e jovens entrarem em contato com produções de pessoas com as quais tenham identificação, nas quais se vejam representados. A escola tradicional insiste em exigir dos alunos a leitura exclusiva dos clássicos da literatura, universal e nacional, e isso muitas das vezes mais afasta do que aproxima os jovens leitores, dadas as complexidades e falta de correspondência com a realidade imediata vivida. A própria autora relata que quando começou a esboçar seus primeiros textos encontrava alguns receios e limitações:

Não tinha insumo, não sabia o que procurar. Lia o que a escola acabava pedindo. Quando eu parava para ler um Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, achava lindo, mas algumas coisas não faziam sentido, eu não entendia. Comecei a me questionar: será que existem pessoas que escrevem coisas que têm a ver com a minha realidade? Não conhecia mulheres que escreviam. Cecilia Meireles, Clarice Lispector, Florbela Espanca e parava por ali. Não tinha referência de mulheres escritoras, mulheres que estavam vivas, muito menos mulheres negras. Isso demorou muito para chegar na minha vida. (DUARTE apud MACHADO, 2017, online).

Por conta dessa experiência pessoal, Mel Duarte escreve não apenas para publicar e ganhar notoriedade, mas para circular nos espaços sociais nos quais ela acredita que possa fazer a diferença e impactar significativamente na vida de outras pessoas. “Se querem nos privar, ocuparemos espaços. Se querem nos apagar, escreveremos livros. Se querem nos calar, vamos falar mais alto” (DUARTE, 2019, online). Em entrevista concedida em 2017, Mel Duarte falava sobre a relação entre poesia e educação, para quebrar paradigmas. “Meu sonho é só trabalhar em escola fazendo poesia. [...]. Você vai abrindo mentes, literalmente. Quebrando paradigmas” (DUARTE apud MACHADO, 2017, online).

É na escola que a história pode ser recontada ou contada por várias perspectivas, esse espaço democrático e plural tende a ser mais receptivo e abrir caminhos para a valorização dos povos africanos e da mulher negra, mais especificamente. A poesia na escola, na rua, na universidade etc., sem as suas amarras tradicionais é uma ferramenta de transformação. Cabe lembrar que “a oralidade nada mais é do que um ensinamento dos nossos ancestrais e infelizmente com o passar do tempo algo que foi perdido, para além da escrita, falar se faz importante uma vez que nossos antepassados foram tão silenciados – ainda mais as mulheres” (DUARTE apud VIEIRA, 2018, online).

Nesse sentido, ressaltamos a importância da inclusão de textos literários produzidos por mulheres negras no rol de textos colocados à disposição dos alunos nas escolas. Isso deve ser feito para que se (re)criem narrativas com mulheres negras protagonistas de suas histórias, já que “fomos impedidas de contar a nossa história durante séculos, logo hoje, ter espaço de fala é essencial para uma mulher negra” (DUARTE apud VIEIRA, 2018, online).

A poesia como um lugar de produção de sentidos: intertextualidade, representação e memória em Não desiste!

Os poemas de Mel Duarte rompem com os estereótipos com os quais estamos acostumados a nos deparar quando ouvimos/lemos/vemos as representações da mulher, sobretudo a mulher negra. A autora faz uso de versos livres de aceitação da estética negra e empoderamento do povo da diáspora, traduzindo as dores do racismo e as vivências da mulher negra, apontando caminhos de reexistência na literatura e na sociedade.

Na análise do poema Não desiste!, extraído do livro *Negra Nua Crua* (2016), consideramos a indissolúvel relação da forma que materializa cada verso com um discurso de uma memória diaspórica que existe e resiste na poesia. Fica claro o tom de empoderamento que o eu-lírico propõe ao interlocutor, ao repetir como num mantra “não desiste, negra, não desiste”. A poeta recupera também a ancestralidade, falando por si, mas também realizando uma transcendência afro-brasileira, necessária para existir, resistir e reexistir (SOUZA, 2011).

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“*Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...*” – *A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam*

Mel Duarte nos diz como se dá a fala e a escuta das vozes de mulheres negras, de jovens negras, trazendo a reexistência na poesia. O texto de Mel Duarte dialoga com outros textos, de outras mulheres negras, as quais reivindicam a escuta, o espaço, a valorização. Podemos pensar no poema como um catalisador dessas múltiplas vozes que se unem e se fundem criando uma rede de significados na trama da escrevivência, como assim definiu Evaristo sobre os contos de seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado em 2011: “[...] estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas [...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência” (EVARISTO, 2011, p. 9).

Mel Duarte parte de si para falar do sujeito negro feminino de maneira geral e é por isso que o diálogo entre a instância poeta e a instância pessoa torna-se constante. Vejamos o poema *Não desiste!*:

NÃO DESISTE!
Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
Por mais que queiram esconder
Corre em tuas veias força yoruba,
Axé para que possa prosseguir

Eles precisam saber que:

A mulher negra quer casa para morar
Água pra beber,
Terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é:
Ancestralidade,
Djembês e atabaques
Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,
Tem suas convicções
Suas imperfeições
Como toda mulher.

Vejo que nós, negras meninas
Temos olhos de estrelas,
Que por vezes se permitem constelar

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza
Duvidaram das nossas ciências,
E quem antes atendia pelo pronome alteza
Hoje, trava lutas diárias por sua sobrevivência.

É preciso lembrar da nossa raiz
Semente negra de força matriz que brota em riste!
Mãos calejadas, corpos marcados sim
Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!

Mantenha sua fé onde lhe couber
Seja Espírita, Budista, do Candomblé.
É teu desejo de mudança,
A magia que traz na tua dança,
Que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra! Cujo tratamento de majestade é digna
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,
Livre para andar na rua sem sofrer violência
E que se preciso for levanta arma,
Mas antes,
Luta com poema.

E não desiste negra, não desiste!

Por mais que tentem te oprimir
E acredite, eles não vão parar tão cedo
Quanto mais se omitir,
Menos sobre sua história estará escrevendo!

Quando olhar para as suas irmãs, veja que todas somos o início
Mulheres Negras!
Desde os primórdios, desde os princípios
África, mãe de todos. Repare nos teus traços, indícios
É no teu colo onde tudo principia,
Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!

E é por isso que eu digo:
Que não desisto.
Que não desisto.
Que não desisto.

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“*Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...*” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam

Em entrevista concedida ao Instituto Geledés, Mel Duarte disse: “tento dar acesso pra essa galera, da mesma forma que eu gostaria de ter tido quando era mais nova”. Mais do que sororidade é a dororidade que desponta no poema *Não desiste!*, através da voz de uma mulher negra que suplica a outra para não desistir. Essa súplica não corresponde a um entendimento de que a vida é fácil, mas justamente na marcação da dor e da luta que constitui as mulheres negras de dentro para fora: “todas somos o início / Mulheres Negras! / Desde os primórdios, desde os princípios”. Assim, o poema retrata a ideia de circularidade entre os que já existiram, existem ou que em algum momento serão inscritos nesse ciclo e expõe: “É preciso lembrar da nossa raiz”.

Ao evocar “Ancestralidade, / Djembês e atabaques / Que ressoam dos pés”, neste trecho do poema, o eu-lírico transfere a elas o testemunho de um território contestado, dos que estão à margem, mas que também falam de um lugar do qual foram negados, arrancados, roubados; pois o que ressoa dos pés é memória ancestral, resgatada na oralidade e transcrita para o papel. Como nos lembra Dalcastagnè (2012), os marginalizados falam por si próprios na produção literária, para deixar registrado quem são e para que outros não os nomeiem ou falem por eles.

A importância da oralidade e do falar de si é evidenciada por Mel Duarte quando ela reflete metapoeticamente sobre sua poesia, lembrando dos silenciamentos impostos aos antepassados e a necessidade desse exercício no presente. Segundo a poeta, “A oralidade nada mais é do que um ensinamento dos nossos ancestrais e infelizmente com o passar do tempo algo que foi perdido, para além da escrita, falar se faz importante uma vez que nossos antepassados foram tão silenciados- ainda mais as mulheres” (DUARTE apud VIEIRA, 2018, online).

Esse uso da oralidade como um exercício político aparece também ao longo do poema *Não desiste!*, abrindo espaços para pensar possíveis caminhos de reconstrução sociopolítica – o chamado ‘empoderamento’ (BERTH, 2018), sem desconsiderar a sua transcendência étnico-racial. A convocatória para ocupar um papel ativo na própria história está presente no poema e se faz mais saliente nos versos que lembram “Quanto mais se omitir, / Menos sobre sua história estará escrevendo!”. Em uma entrevista concedida à Liliane Prata, da revista *Cláudia*, Mel enfatizou: “Somos desestimuladas a nos expressar e, como eles, tendemos a achar que a voz masculina tem mais credibilidade, por causa do machismo. Mas isso está mudando” (DUARTE apud PRATA, 2017, online).

O poema funciona como espaço de expressão dessa voz que emerge da marginalidade e ecoa resistência, subvertendo padrões canônicos, permitindo rediscutir valores da história e cultura afro-brasileira. Como nos versos: “Vejo que nós, negras meninas / Temos olhos de estrelas, / Que por vezes se

permitem constelar”. Depois de muito tempo, a mulher votou a ser o exemplo para outras mulheres negras, meninas negras, que tem como referência e incentivo figuras femininas de pele preta que antes não tínhamos.

Grada Kilomba (2018) nos pergunta: “Quem pode falar?”. Em uma sociedade eurocêntrica e patriarcal, o sujeito que pode falar corresponde ao homem-hétero-branco-cis. A fala da mulher é desconsiderada, a da mulher negra é silenciada. Conforme Kilomba, “quando eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico. Universal/específico. Objetivo/subjetivo. Neutro/pessoal. Racional/emocional. Imparcial/parcial. Elas/eles têm fatos/nós temos opiniões. Elas/eles têm conhecimento/nós temos experiência” (KILOMBA, 2018, p. 52).

Essa problemática do silenciamento e dúvida sobre a mulher é apontado nos versos: “O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza / Duvidaram das nossas ciências, / E quem antes atendia pelo pronome alteza / Hoje, trava lutas diárias por sua sobrevivência”. Antes de conseguir falar, as mulheres negras tentam sobreviver há séculos. Ter espaço de fala é essencial para (re)contar a história a partir da perspectiva da mulher negra. “Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugar de falar, pois estamos falando de localização social” (RIBEIRO, 2017, p. 86). Buscar os ancestrais, reconhecer a ancestralidade, ouvir os mais velhos, entender o significado dos corpos nos espaços é agregar para a fala um lugar social. Ter espaço para falar é, simultaneamente, ter espaço para ser ouvido, e ser ouvido aqui não algo individual, mas coletivo – é a partilha da palavra de mulheres, muitas das quais têm cor e são pobres, então esse espaço é ressignificado. Nesse sentido,

[...] a “Literatura afro-feminina”, é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Por esse projeto literário, figuram discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que se (re)inventam a si e a outros e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. (SILVA, 2010, p. 24).

A mulher negra, assim como qualquer outro indivíduo, tem desejos e subjetividades, mas enfrenta uma tripla subalternização. No poema, entretanto, a fala de mulher negra se desagrega da voz do colonizador e

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam

oferece uma espécie de resposta ao instigante questionamento de Spivak: “Pode a mulher negra falar?” (2010). O eu-lírico traz a mulher negra para o centro da cultura afro-brasileira, qualificando-a como um sujeito único, pertencente a um grupo étnico-racial, falante de uma língua, com esquemas explicativos e cultura próprios.

Na literatura tradicional, impera a visão colonizadora que reifica as mulheres negras, objetificando seus corpos e caricaturizando suas subjetividades. O lugar de fala da mulher negra periférica foi historicamente subestimado seja na escrita, na fala, em um romance literário ou numa batalha de poesias: o sexismo, o machismo, a branquitude – correspondente à identidade racial branca – destinaram um lugar de subalternidade e marginalidade às mulheres negras. O poema de Mel Duarte oferece um contraponto a essa visão deturpada das identidades femininas negras. Ao evidenciar “Que a mulher negra, / Tem suas convicções / Suas imperfeições / Como toda mulher”, ainda que se trate de uma certa constatação do óbvio, ressalta-se a humanidade da mulher negra – importa lembrar que o povo africano foi zoomorfizado e até um momento não muito distante do presente, não era nem considerado como humano. Desta feita, a voz de mulher negra lembrando a outras que elas são como toda mulher, recoloca essas subjetividades em um lugar ao qual foram negadas de estar por muito tempo.

Pautando-se no intercruzamento dos discursos erudito e popular, para sobreviver às lutas diárias, reconhecendo a nossa história, traçando pluricaminhos, trazendo as mulheres negras de volta a um protagonismo que foi escamoteado, o eu-lírico alerta: “É preciso lembrar da nossa raiz / Semente negra de força matriz que brota em riste! / Mãos calejadas, corpos marcados sim / Mas de quem ainda resiste”. Ao referenciar a importância de lembrar das raízes, o poema exalta as ações de resistência de um povo que apesar do calejado das mãos e das marcas nos corpos, insiste e resiste. O povo preto, assim como indígenas, vive do coletivo, do aquilombamento, mesmo com as diferenças de cada um, a união representada nas danças e outras artes, significa a importância de resistir diante de tantas atrocidades.

As artes são apresentadas como um elemento importante nessa luta pela resistência, por ser capaz de promover possibilidades de reexistir, mesmo quando o entorno parece ser desfavorável. A arte serve como um alimento para o corpo que precisa resistir: “É teu desejo de mudança, / A magia que traz na tua dança, / Que vai lhe manter de pé”. Mais adiante o poema reivindica a liberdade da mulher negra em ser/viver como quiser, uma liberdade que não é garantida a priori, mas obtida a partir da luta simbólica. “É você, mulher negra! Cujo tratamento de majestade é digna / Livre, que arma seus crespos contra o sistema.” – como vemos, o corpo pode funcionar como uma arma contra o sistema opressor/normalizador de comportamentos e corpos, que visa docilizar sujeitos para que se submetam aos modelos de exploração, objetificação e submissão. A liberdade de existir e transitar sem

sofrer violência, física, psicológica ou simbólica, transparece no poema e o poema emerge como o palco para explicitar ao mundo essa luta pelo direito de existir: “Livre para andar na rua sem sofrer violência / E que se preciso for levanta arma, / Mas antes, / Luta com poema”, pois a palavra é uma arma de revolução poética em todos os espaços, influenciando outras pessoas para utilizarem a poesia e empregarem a voz como forma de (re)existência.

Para existir, as mulheres negras aprenderam muito cedo a resistir. Nesse sentido, a poesia produzida por mulheres negras e configurada para acontecer nos espaços da Poetry Slam corresponde a uma poética de reexistência que retrata a complexidade social e história do cotidiano de uma mulher preta. Uma mulher negra não pode desistir. E não desiste negra, não desiste! “As singularidades estão nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas... não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer” (SOUZA, 2011, p. 37).

A poeta e seu eu-lírico se entrelaçam: não existe distanciamento, as vivências são ressignificadas no poema. “Por mais que tentem te oprimir / E acredite, eles não vão parar tão cedo / Quanto mais se omitir, / Menos sobre sua história estará escrevendo!”. A mulher negra está no topo da pirâmide das opressões de gênero, raça e classe, o sistema supracista branco quer, o patriarcado quer que as mulheres negras se escondam, prefere que sejam retraídas, e isso incide sobre a história delas.

Nesses seis versos que sucedem, a poética de reexistência perpassa desde a história da África como berço da humanidade até a luta das mulheres negras num lugar de protagonismo. “Quando olhar para as suas irmãs, veja que todas somos o início / Mulheres Negras! / Desde os primórdios, desde os princípios / África, mãe de todos. Repare nos teus traços, indícios / É no teu colo onde tudo principia, / Somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!”. A literatura do discurso falado ou popular não diz respeito somente ao léxico, à sintaxe ou aos componentes estruturais da língua; diz respeito também a nossa tradição Mama África, as mulheres portadoras de axé, ao corpo sagrado dos Orixás e Yabás, ao corpo que dança (PIEADADE, 2017). Geny Guimarães enfatiza que, “o corpo é seu ponto de partida, sendo assim o seu lugar, ou seja, o corpo negro feminino como um lugar” (GUIMARÃES, 2014, p. 48). Lugar esse que significa a mudança de um novo ciclo.

A escrivência das mulheres negras e suas vozes ecoam discursos manifestos em criações poéticas que refletem a condição humana, os dramas, a resiliência da mulher negra. Isso tudo faz dessa habilidade uma poética de reexistência. “E é por isso que eu digo: / Que não desisto”. Como vemos, por meio dos versos de Mel Duarte, “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 6)

*“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam*

Algumas considerações finais

Os Slams têm se configurando enquanto um espaço consideravelmente ocupado pelos excluídos, evidenciamos uma literatura que sai das quebradas para a competição. Para além de um modelo estético de marginalidade literária, o Poetry Slam transpõe um modelo ético-social de estar à margem daqueles ditos cânones literários e por estar socialmente marginalizado.

Além disso, há que se considerar que a obra depende do artista e das condições sociais que determinam a sua posição, de modo que os Slams, sejam eles femininos ou não, abrem espaço para que mulheres, muitas delas negras, constituam-se enquanto trovadoras da contemporaneidade. Nesses espaços, mulheres negras transformam narrativas invisibilizadas em “arte sujeito”, construindo um quilombo urbano de oralidade poética – as novas griôs na escrevivência de suas/nossas reexistências. Destarte, o plural funciona aqui como parte de um todo, Mel Duarte é parte de um todo muito maior de jovens negras que ascenderam esteticamente na arte através das batalhas de poesia na quebradas da cidade de São Paulo. Essa troca estética entre literaturas, línguas, linguagens, mídias e outros elementos fazem dela objeto de estudo de outras jovens negras pesquisadoras.

No Poetry Slam, os discursos transitam como um manifesto de corpos políticos, com uma característica própria brasileira que, para além da palavra, traz uma manifestação física e coloca em cena outras construções e desconstruções do sujeito. É verdadeiro exercício de cidadania: poesia-educação e poesia-resistência. Essa resistência e (re)existência faz parte do ser da poesia e a apropriação desses discursos veiculados nas poéticas do movimento Poetry Slam permite-nos experienciar as práticas sociais comuns aos jovens, em geral periféricos. Usar da palavra para falar e denunciar as mazelas da sociedade é exercício de protagonismo, o qual depende de uma prática multiletral e de (re)existência: “Sabotagem, sem massagem, na mensagem” é dizer com propriedade. Os caminhos estão abertos – Exú na poesia. Entre relâmpagos e trovadas, o povo da diáspora ainda existe, resiste e reexiste com os majestosos ventos, Eparrê Oyá!⁴

4 Saudação aos majestosos ventos da deusa africana Iansã.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão. Européia do Livro, 1980.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018. Coleção Feminismos Plurais.

BRASIL, Planeta de Livros. “Mel Duarte: “se querem nos calar, vamos falar mais alto””. 2019. (1m08s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ruMYcvi6g3o>, acesso em 10 de novembro de 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea”. Revista Estudos de Literatura brasileira Contemporânea, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

D’ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

D’ALVA, Roberta Estrela. “Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena”. Revista Synergies Brésil: Sylvains les Moulins, 2011.

D’ERCOLE, Isabella. “Vilma Piedade: “Luto por um feminismo que absorva as diferenças””. 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/vilma-piedade-luto-por-um-feminismo-que-absorva-as-diferencas/>, acesso em 02 de dezembro de 2019.

DUARTE, Mel. *Negra nua crua*. 2 ed. São Paulo: Ijuma, 2016.

EVARISTO, “Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

EVARISTO, Conceição. “Shirley Paixão”. In: _____. *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. “Até onde Carolina nos leva com seu pensamento?”. In. JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes Felicidade?*. (Org.) Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

KLEIN, G.V.
DA SILVA, P. P.
“Não desiste negra,
não desiste! Ainda
que tentem lhe
calar...” – A voz
da mulher negra
transcende o
movimento Poetry
slam

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO, Livia. “Com versos combativos, poeta de SP sonha em incorporar sua arte à educação nas escolas”. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/com-versos-combativos-poeta-de-sp-sonha-em-incorporar-sua-arte-a-educacao-nas-escolas.ghtml>>, acesso em 30 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. “O conceito de quilombo e a resistência cultural negra”. In. RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. “Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo”. *Revista Linha D'Água* (Online): São Paulo, 2017.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRATA, Liliane. “Conheça o Slam, a batalha da poesia”. 2017. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/slam-batalha-de-poesia/>, acesso em 10 de junho de 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. Coleção Feminismos Plurais.

SILVA, Ana Rita Santiago. “Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações”. *Revista de Letras: Vitória da Conquista*, 2010.

SOUZA, Ana Lucia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravort. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, Kauê. “Mel Duarte rompe o silenciamento secular das minas negras: ‘Mulher bonita é que vai à luta!’”. 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/09/mel-duarte-rompe-o-silenciamento-secular-das-minas-negras-mulher-bonita-e-que-vai-a-luta/>, acesso em 30 de novembro de 2019.